

OS INCOMPATÍVEIS ANDAM DE MÃOS DADAS: CATEGORIAS CRÍTICAS E MEDIAÇÃO HISTÓRICO-FORMAL NA LITERATURA BRASILEIRA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p103-114>

Salete de Almeida Cara

RESUMO

O artigo retoma quatro ensaios de Roberto Schwarz dos anos de 1960 e 1970 que tratam da experiência periférica brasileira na “ordem mundial”, do funcionamento das ideias importadas e de produções culturais e literárias para observar que, articulando-se com a obra posterior do crítico, os ensaios levam a pensar nos impasses do presente, quando os incompatíveis que andam de mãos dadas se espalham mundo afora.

PALAVRAS-CHAVE: experiência brasileira, papel das ideias, produção cultural e literária.

ABSTRACT

The article revisits four essays by Roberto Schwarz from the 1960s and 1970s that address the Brazilian peripheral experience within the world order, the functioning of imported ideas, and cultural and literary productions. It observes that, when articulated with the critic's later work, these essays invite reflection on the impasses of the present — when incompatible elements that go hand in hand are spreading across the globe.

KEYWORDS: Brazilian experience, role of ideas, cultural and literary production.

Nos ensaios de 1960 de Roberto Schwarz sobre o romance *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, e de 1964 sobre *O Amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos, o primeiro indica a ambivalência da fatura formal que conforma o assunto, o segundo analisa uma prosa que constrói o narrador esgarçado e sem saída entre vida rural proprietária, já perdida, e vida na cidade. Os dois ensaios, cada um a seu modo, tem relevância no percurso do crítico. A matéria brasileira se adensará como objeto de reflexão em “Cultura e Política, 1964-1969”, escrito entre 1969 e 1970, e em “As ideias fora do lugar”, do início dos anos de 1970. O primeiro reúne viés militante (“militância modesta”, dirá mais tarde o autor) e espírito crítico, que apanha o período anterior e posterior ao golpe militar de 1964; o segundo trata do papel das ideias e dos resultados políticos e estéticos de uma experiência periférica como parte dos rumos da modernidade contemporânea. O conjunto desses ensaios nos leva a pensar nos impasses que atravessam o presente, quando os incompatíveis que andam de mãos dadas se espalham mundo afora, explicitando a atualidade perversa das contradições sociais e arranjos periféricos e internacionais.

No curto ensaio (três páginas) sobre o romance *O Ateneu* (subtítulo “*Crônica de saudades*”) de Raul Pompéia (1888), publicado em *A sereia e o desconfiado* (1965), o comentário inicial sobre a leitura de Mario de Andrade aponta o viés de um “biografismo crítico” que leva a interpretar “*distribuindo*”, de um lado, “o subjetivismo dado no tom e nas imagens” que “ilumina a “psicologia do *criador*” e,

de outro, “os *fatos*” que dão a ver o “conteúdo da criação” (os destaques em itálico são sempre do autor). (p.25)¹

Avesso à apreensão em paralelo, Schwarz afirma que “a estrutura que tentamos indicar tem como problema central a relação entre narrador e mundo narrado”, sugerindo que o romance estaria “nos primórdios de uma linha reflexiva que ultrapassaria os esquemas do Realismo e Naturalismo”, dos quais a prosa ainda se vale a seu modo. Ao mesmo tempo, a “presença simultânea, em *O Ateneu*, de visualização e consciência visualizadora”, combinando “a distância crítica no tempo e a adesão emotiva” se resolve com a “ênfase sobre o sujeito narrador e a ênfase sobre o objeto narrado, ligados os dois pela emoção”. (26)

Desse modo, o “cunho emocional” do narrador Sergio adulto conta com objetividade realista na organização dos episódios, recorrendo também a “princípios biológicos do naturalista europeu, avessos a qualquer subjetivismo”, como se vê na exposição dos “verdadeiros mecanismos” do colégio Ateneu, “princípios animais centrados na ânsia sexual e de poder”. (pp.27-28). A “qualidade atmosférica” do romance é sustentada pelo “difícil equilíbrio” entre “realismo e subjetivismo”. (p. 28)

Sendo “forte a distância que vai da nobreza retórica do vocabulário à ferocidade biologista subjacente”, a linguagem “dramatizada,” armada em estilo grandiloquente e retórico, “hiperbólico e metafórico”, perde “parcialmente a função de indicar os processos do real” e dá o “tom do livro”: uma “decepção desmascaradora, vestida e mascarada em retórica, encantada em ser radical”. (p.28) A figura de Aristarco, o diretor do colégio interno, sem escapar de “desmascaramentos sucessivos,” tem presença decisiva na prosa e resume a “visão de mundo que anima *O Ateneu*: a aparência cobrindo vermes”. (p. 29)

Na reconstituição emotiva da “experiência infantil *vista por dentro*” pelo narrador Sergio adulto cabem apreensões sensíveis, indignações, convicções e acusações que, ao fim e ao cabo, se auto alimentam e o afastam do próprio objeto rememorado e comentado no presente narrativo. “Da sensibilidade em face de corrupções concretas passa à convicção dolorosa e feroz, que se alimenta de si mesma e não mais do seu objeto: transforma-se em fachada impotente”. Uma

¹ Cf. Roberto Schwarz, “*O Ateneu*”, in *A Sereia e o Desconfiado*. São Paulo: Paz e Terra, 1981, 2ª edição. As citações remetem a essa edição.

“ruptura com a realidade” mergulhada em “processos retóricos” que trazem à cena, por semelhança, a “essência da figura de Aristarco”. (p.29)

A leitura de Schwarz propõe que a “interioridade de Sérgio, narrador do romance, prova ser semelhante à do Diretor”. Dando mais um passo, “o Diretor, pode-se dizer, é a visualização do tom do livro que é, por sua vez, o tom da vida interior de Sérgio”. Avançando na proposta crítica, “o estilo pessoal de Aristarco e o estilo do livro, que dá conta da sua pessoa, são uma e a mesma coisa”. Essa a “condição humana implicada no romance, onívora, que devora seu próprio narrador. É somente nesse ponto, engolindo-se, que *O Ateneu* revela seu sentido pleno; fechado sobre si mesmo dá sua própria interpretação”. (pp. 29-30)²

Fica para o leitor, a depender do seu viés crítico, a análise de um romance que “contém o mundo narrado, e contém o próprio prisma que é condição de sua existência: o temperamento de Sérgio adulto, o narrador”. (p. 26) Vale pensar, como aponta o ensaio, no sentido do “teor moderno” da fatura dessa prosa, engolida no faz-que-vai-mas-não-vai de uma matéria que reúne sujeitos socialmente compatíveis, que andam de mãos dadas, ainda que esperneando cada um a seu modo. “Violência com pés de barro, sua ferocidade não é distância”, conclui não à toa o ensaio de Roberto Schwarz.

Assinalando o viés materialista da proposta crítica de Schwarz (“elaboração de um sistema de mediações historicamente especificadas”) desde *A sereia e o desconfiado*, Paulo Arantes observa sobre sua leitura de *O Ateneu*: “Não creio que Roberto renegue o que disse há trinta anos acerca do *Ateneu*, mas podemos imaginar o partido que tiraria hoje da confluência no livro entre “emoções enfunadas” e ferocidade naturalista, ou da contaminação exclamativa que aglutina num mesmo universo de inchaço retórico o narrador e sua vítima — para não falar na pesquisa que faria agora dos efeitos miméticos da composição, alinhados em

² Se as personagens são “vistas de fora”, o ponto de vista do narrador em relação a Aristarco mescla onisciência e juízos (“o homem-sanduíche da educação nacional”, “súdito e cortesão” dos príncipes do Império). Revendo um episódio polêmico, o narrador concorda: “Hoje penso diversamente: não valia a pena perder de uma vez dois pagadores prontos, só pela futilidade de uma ocorrência, desagradável, não se duvida, mas sem testemunhas”. Cf. Raul Pompéia, *O Ateneu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pp.43- 47- 201-202.

perspectiva histórica com as demais modalidades de representação praticadas pelos nossos primeiros romances ‘realistas’”.³

O leitor de Schwarz poderá reconhecer, nesse ensaio, um embrião da leitura que fará do Realismo maduro de Machado de Assis (que não corresponde à concepção de Lukács do enredo como representação de tendências históricas) quando, para apreender “o depoimento da forma” machadiana, vai à “matriz prática” da sociedade brasileira, ela mesma com relevância contemporânea e negativa, onde cabem a volubilidade de Brás Cubas e a astúcia de Bentinho (para ficar com os dois). Em debate de 1991 (republicado em livro de 2019) sobre sua análise de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o crítico explicita, de modo informal, que “se você estivesse fazendo uma análise literária desse tipo na Europa — por exemplo, sobre um romancista do século XIX-, você teria ali a ilustre companhia do senhor Marx, ou da historiografia de direita, e não vai passar pela cabeça do crítico inventar um esquema histórico-sociológico a título precário. (...) O problema aí não é só de dizer: o Brasil é peculiar. É de entender essa peculiaridade como parte integrante do mundo contemporâneo.”⁴

O Ateneu foi publicado dois anos antes do romance de Aluísio Azevedo, *O Cortiço* (1890), o que traz uma boa questão sobre o romance brasileiro da época, já que ambos recorrem, de modos diversos, à intenção realista e a esquemas do Naturalismo. Afinal, a forma literária expressa tensões e irresoluções do seu tempo e lugar, seja pela tensão entre categorias ideológicas e organização da narrativa (Aluísio), seja pela aposta em saídas formais que, por inovadoras, assegurariam a pretensão no trato do seu objeto (Pompéia). Não sendo aqui o caso de desenvolver esse tópico, apenas remeto à argúcia crítica das análises de Antonio Candido (reflexão armada nos anos de 1970) ao examinar, em comparação, o processo da estruturação literária em Émile Zola, Giovanni Verga e Aluísio Azevedo — “filiação de textos e fidelidade a contextos” — com desdobramentos particulares em cada caso. E remeto também ao seu ensaio sobre Marcel Proust, que destaca o teor

³ Cf. Paulo Eduardo Arantes, in *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, pp. 53- 54.

⁴ Cf. Roberto Schwarz, “Machado de Assis: um debate”, in *Seja como for*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2019, p.90.

crítico, elaborado pelo narrador proustiano como pastiche, na consideração do estilo e das concepções dos irmãos Goncourt (admirados por Raul Pompéia).⁵

O ensaio de 1964 sobre *O Amanuense Belmiro* (1937) de Cyro dos Anjos,⁶ traz Theodor Adorno na epígrafe (“Grandes obras são aquelas que tem sorte em seus pontos mais duvidosos”). O romance — diário de um funcionário público por recomendação política, poeta mal sucedido com passado rural e latifundiário extinto - mantém de cabo a rabo a “dicção ligeira” dos primeiros parágrafos — cena animada de convivência “democrática” e “fraternalismo sentimental”, regada a bebida num bar.⁷ Assim a prosa arma a “mistura belmiriana” que integra “decadência e aristocratização” e acomoda “reivindicação e conformismo”, numa “cegueira profilática”, que diz a que veio justamente porque o narrador não enfrenta as contradições objetivas da experiência social e pessoal.⁸

“Em Belmiro convivem os inconciliáveis: o democratismo e o privilégio, o racionalismo e o apego à tradição, o impulso confessional, que exige veracidade, e o tempo à luz clara. Ora, para estar dos dois lados é preciso que Belmiro esteja, de algum modo, a salvo destes conflitos. A pedra seca do amanuense é a burocracia. Por ser uma extensão do privilégio rural, a sinecura é o posto menos urbano da cidade”. (p.20) A condição periférica que atravessa a reflexão de Schwarz revela o caráter particular do nosso condomínio histórico-social, onde bem cabem o tratamento retórico de supostos “incompatíveis” (ou “inconciliáveis”) em *O Ateneu* e, em *O*

⁵ Cf. Antonio Candido, “Degradação do espaço”, “O mundo-provérbio”, “De cortiço a cortiço” in *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010 e “Realidade e realismo (via Marcel Proust)” in *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

⁶ Cf. Roberto Schwarz, *O pai de família e outros estudos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008. Essa é a edição das referências e páginas. O ensaio “Sobre *O Amanuense Belmiro*” foi publicado em 1964 na *Revista Civilização Brasileira* e, em 1978, no livro publicado pela editora Paz e Terra.

⁷ “A confusão democrática é uma festa para os olhos: pretos reforçados, cabra gordo, de melenas, garçons urgentes, proletariado negro, filosofia e teologia, vitrola, mulatas dengosas, conduta católica, Regimento de Cavalaria, alemão do bar. Mas as palavras, como que eriçadas, recusam a promiscuidade. A enumeração desafinada é parente ancestral do discurso revolucionário: Operários e Sargentos, Camponeses, Estudante. Minhas Senhoras e Meus Senhores, Preto reforçado e proletário, cabra gordo e garçom urgente, vitrola e Regimento de Cavalaria - o conflito social está sedimentado e esboçado no próprio vocabulário do amanuense, cuja prosa, entretanto, festeja a todos cordial e indistintamente.” Cf. Roberto Schwarz, ob. cit., p. 12.

⁸ Em “Estratégia”, texto de 1945 publicado no primeiro livro de Antonio Candido, *Brigada Ligeira*, e, em 1971, como prefácio a *O Amanuense Belmiro*, o crítico identifica um “burocrata lírico”, “sentimental e tolhido”, intelectual “desfibrado” e esgarçado entre passado e presente. “Cyro dos Anjos nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade, que até aqui tem movido uma conspiração geral para belmirizá-lo, para confiná-lo nas esferas em que o seu pensamento, absorto nas donzelas Arabelas, nas Vilas Carafbas do passado, na autocontemplação, não apresenta virulência alguma que possa pôr diretamente em cheque a ela, sociedade organizada”. Cf. Antonio Candido, in *Brigada Ligeira*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p.84.

Amanuense Belmiro, o movimento ambivalente da “mistura belmiriana” de posições incompatíveis, que a explicitação formal do ensaio revela como volteios de um narrador sem saída.⁹

O ensaio “Cultura e política, 1964-1969”, publicado em *O pai de família* em 1978 pela editora Paz e Terra, inclui uma curiosa nota autocrítica, alertando que o “prognóstico estava errado” e “a análise social no caso tinha menos intenção de ciência que de reter e explicar uma experiência entre pessoal e de geração, do momento histórico”. E considera o ensaio como “tentativa de assumir literariamente, na medida das minhas forças, a *atualidade* de então”. (...) “Mas para que substituir os equívocos daquela época pelas opiniões de hoje, que podem não estar menos equivocadas? Elas por elas, o equívoco dos contemporâneos é sempre mais vivo (...) O leitor verá que o tempo passou e não passou.¹⁰ O leitor também verá, no entanto, que o rigor dessa autocrítica pode ser confrontado pelo alcance analítico do ensaio no trato dos impasses políticos, do lugar do intelectual e da produção estética dos anos pré e pós golpe civil-militar de 1964.

Uma retrospectiva do período anterior a 1964, desde o governo Goulart (quando a “produção de esquerda” já tinha “seu aspecto comercial — importante, do ponto de vista da ulterior sobrevivência,” alternando “a fisionomia editorial e artística do Brasil em poucos anos” na condição de um “grande negócio”)¹¹ arma um “complexo ideológico” de teses, ideias, posições político-partidárias, conciliações, mobilizações combativas com erros e acertos que, sem “luta de classes” e sem enfrentar a “expropriação do capital”,¹² conformam um “dúbio temário socialista”. Em tempos de avanço do populismo e “novas tendências internacionais”, as

⁹ Para Paulo Arantes, o achado crítico da “mistura belmiriana” como “um retrato do Brasil, no qual desponta uma constelação dual cujos componentes se desautorizam reciprocamente” (...) é responsável pela graça que veio enfim animar o brejo das almas, mas por outro lado emperra o desdobramento *realista* dos opostos que combina, a presteza modernista da prosa manobrando por entre os inconciliáveis não leva a nada, a imobilidade é a sua figura final. O que em Machado de Assis estava a serviço da sondagem desabusada da experiência brasileira, tornou-se com o tempo uma ‘estética da acomodação’. Sob esta forma amortecida, Roberto topava pela primeira vez com seu esquema.” Cf. ob. cit., p. 57.

¹⁰ Cf. “Cultura e Política, 1964, 1969” in *O pai de Família e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 70. Como se pode lembrar, 1978 foi o ano de passeatas de protesto contra a ditadura e de eleições indiretas, com militar e ministro-chefe do SNI como candidato a presidente, tendo como vice um civil da UDN/ARENA.

¹¹ Cf. ob. cit. pp.77- 85.

¹² Durante o governo Arraes em Pernambuco, a partir de 1959, também “as questões de uma cultura verdadeiramente democrática’ conviveram” na mais alegre incompatibilidade com as formas e o prestígio da cultura burguesa”. Cf. ob. cit., p. 81

“perspectivas e formulações” acabam “incompatíveis” com o “movimento ideológico de princípio,” desaguando no golpe de Estado — uma “regressão” em relação ao anterior enfrentamento (“por turvado que fosse”) de “questões reais”.¹³

A “relativa hegemonia cultural da esquerda no país” até 1968 era uma “solução de habilidade” do governo ditatorial “pró-americano e antipopular, mas moderno”, que já não poupava quem estivesse ligado a movimentos envolvendo “operários, camponeses, marinheiros e soldados”. A cultura de esquerda conciliará produção para “consumo próprio” (“numeroso a ponto de formar um bom mercado”) e presença ativa do intelectual “nos santuários da cultura burguesa”, onde “dava o tom” produzindo material, “de um lado para as comissões de governo ou do grande capital e, de outro, para rádios, televisões, e os jornais do país.” A “intelectualidade de esquerda” teria o trunfo de contribuir com seu trabalho e reflexão (mesmo “sem perceber”) “para a criação, no interior da pequena burguesia, de uma geração maciçamente anticapitalista”, com o movimento estudantil disposto à luta (e resposta violenta da repressão), contando também com “o público dos melhores filmes, do melhor teatro, da melhor música e dos melhores livros”. (p. 71-72-73).

A presença desse público será parte funcional da cena social trazida aos palcos naqueles anos, indo de conagração eufórico, a despeito da derrota política de 1964, a impasses formais no trato com a matéria histórica passada e presente, e a opção por tratamento de choque com agressão direta ao público como modo de conscientização moral da classe média.¹⁴ O golpe também trouxe à cena social das ruas a revanche da província, dos pequenos proprietários, dos ratos de missa, das pudibundas, dos bacharéis em lei etc”, reativando politicamente sentimentos arcaicos da pequena burguesia. O “espetáculo de anacronismo”, apreendido por Schwarz no país que se moderniza, traz de volta ao ensaio, como

¹³ “Assim a integração imperialista, que em seguida modernizou para os seus propósitos a economia do país, revive e tonifica a parte do arcaísmo ideológico e político de que necessita para a sua estabilidade. (...) Nessas condições, em 1964 o pensamento caseiro alçou-se à eminência histórica”. Cf. ob. cit., pp 79- 83-87.

¹⁴ Os grupos analisados são, nessa ordem, o show Opinião (1964), o Teatro de Arena (1953) e o Teatro Oficina (1958). “Em seu conjunto, o movimento cultural destes anos é uma espécie de floração tardia, o fruto de dois decênios de democratização, que veio amadurecer agora, em plena ditadura, quando suas condições sociais já não existem, contemporâneo dos primeiros ensaios de luta armada no país. À direita cumpre a tarefa inglória de lhe cortar a cabeça. (...) Mas, também à esquerda a sua situação é complicada, pois se é próprio do movimento cultural contestar o poder, não tem como tomá-lo. (...) Pressionada pela direita e esquerda, a intelectualidade entra em crise aguda.” Cf. ob. cit., pp. 95-106.

observa Arantes, a “mistura de inconciliáveis” já apreendida na análise de *O Amanuense Belmiro* e a combinação ambígua do moderno e do arcaico no tropicalismo, com a “coexistência disparatada de etapas incompatíveis.”¹⁵

O ensaio “Cultura e Política, 1964-1969” se encerra com duas referências literárias: o “fazendeiro do ar” da “literatura da decadência rural” e o romance *Quarup* (1967) de Antonio Callado que, como diz Schwarz, é “o romance ideologicamente mais representativo para a intelectualidade de esquerda recente”, com a personagem se integrando à luta popular. (p.111)

Na linha do tempo, “As ideias fora do lugar” (publicado na França na revista *L’Homme et la Société* em 1972, na revista *Estudos Cebrap* em 1973, e como capítulo inicial de *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* em 1977) situará a dinâmica histórica e a natureza do vínculo entre experiência periférica de país colonizado, com latifúndio escravista e tráfico absorvidos pelo sistema capitalista internacional de mercado, e as ideias liberais importadas da “ideologia hegemônica”. A circulação das ideias burguesas, numa “combinação instável”, vai da adoção ao rechaço, da relativização à desqualificação, do confortável ao prestigioso, com o papel de “justificação, nominalmente ‘objetiva’ para o momento do arbítrio, que é da natureza do favor”.¹⁶

Sob o jugo do arbítrio e do favor na sociedade desigual, um processo se repete: “Sem prejuízo de existir, o antagonismo se desfaz em fumaça e os incompatíveis saem de mãos dadas. Esta recomposição é capital. Seus efeitos são muitos, e levam longe em nossa literatura.” (p.18). Se justificativas e argumentos tem móveis diversos para proprietários e homens livres, o “desconcerto” nacional não tem pernas curtas e se estenderá no tempo, ainda que o ideário burguês (“da igualdade do mérito, do trabalho, da razão”) já tivesse sido posto em xeque na França, depois dos massacres de junho de 1848. “Tanto a eternidade das relações sociais quanto a lepidéz ideológica das ‘elites’ eram parte — a parte que nos toca — da gravitação deste sistema por assim dizer solar, e certamente internacional, que é

¹⁵ Cf. Paulo Arantes, ob. cit., pp. 32,33.

¹⁶ “Neste contexto, portanto, as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade, e não gravitam segundo uma lei que lhes seja própria — por isso as chamamos de segundo grau. Sua regra é outra, diversa do que denominam: é da ordem do relevo social, em detrimento de sua intenção cognitiva e de sistema. Deriva sossegadamente do óbvio, sabido de todos — a inegável superioridade da Europa — e liga-se ao momento expressivo, de auto - estima e fantasia, que existe no favor” (...) E “ao tornarem-se despropósito estas ideias deixam também de enganar”. Cf. “As ideias fora do lugar” in *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas cidades/Editora 34, 2000, 5ª edição, pp. 18-19-27.

o capitalismo.” (p.25) Voltando ao assunto em 2009 para explicá-lo mais uma vez, Schwarz insiste na “dupla inscrição” das ideias modernas — no país e no mundo contemporâneo — para salientar que “esse procedimento — que é a dialética em ato – tem o mérito de superar o fosso entre a singularidade nacional e o rumo geral do presente, introduzindo a crítica nos dois termos”.¹⁷

Em “As ideias fora do lugar”, as referências (entre outras) às “emoções progressistas” da letra do hino à República (1890) e ao comportamento cômico de um Rubião enriquecido por herança, no *Quincas Borba* (1891) de Machado de Assis, confirmam a encenação de progresso explicitada de modos diversos. As ideias fora do lugar também estão presentes na matéria da literatura russa que, “de dentro de seu atraso histórico”, impõe ao romance burguês um “quadro mais complexo”, que diz respeito ao desafio posto à produção literária pelos imperativos do progresso e da modernização revelando seu fundo falso, donde a sugestão da comparação com o “sistema de ambiguidades” brasileiro.¹⁸

Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, de 1990, as figuras de Brás Cubas e do homem do subsolo de Dostoiévski voltarão a se encontrar “no horizonte novo, que dificultava o papel do narrador e lhe tornava problemática a desenvoltura crítica”, donde “a utilização demonstrativa da primeira pessoa do singular — o prisma espontâneo por excelência — em espírito de exposição dela mesma, como se a pessoa fosse terceira (Dostoiévski nas *Memórias do subsolo*)”.¹⁹ Em “O papel das ideias”, no mesmo livro, a construção da arbitrariedade do narrador sustenta a ironia de Machado de Assis quanto à função das ideias (“risíveis porém fundadas, e vice-versa”) como simulacro e não caminho de emancipação. Afinal, como reconhece Brás Cubas no capítulo do emplasto, tratado em ensaio de *Que horas são?*, “de um lado, filantropia e lucro andam de mãos dadas; de outro, sede de nomeada.”²⁰

¹⁷ Cf. “Por que ‘ideias fora do lugar’?”, in *Martinha versus Lucrécia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.169. O texto foi lido, em 2009, numa palestra em Buenos Aires.

¹⁸ “O sistema de ambiguidades assim ligadas ao uso local do ideário burguês — uma das chaves do romance russo — pode ser comparado àquele que descrevemos para o Brasil. Também na Rússia a modernização se perdia na imensidão do território e da inércia social, entrava em choque com a instituição servil e com seus restos — choque experimentado como inferioridade e vergonha nacional por muitos, sem prejuízo de dar a outros um critério para medir o desvario do progressismo e do individualismo que o Ocidente impunha e impõe ao mundo. Cf. “As ideias fora do lugar”, in ob. cit., p. 28.

¹⁹ Cf. “Questões de forma”, in *Um mestre na periferia do capitalismo*, São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. 4ª edição, p. 180.

²⁰ Cf. “Complexo, moderno, nacional e negativo”, in *Que horas são?* São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1987, p. 117.

A reflexão de “As ideias fora do lugar” já traz no seu horizonte a prosa madura de Machado de Assis que, em 1990, o crítico irá esmiuçar formalmente nas afinidades entre “desqualificação do pensamento abstrato e as insuficiências do quadro brasileiro (...)”. Questões que “requerem tratamento novo e empurram em direção do século XX”. Daí as tiradas filosóficas - a filosofia “da ponta do nariz” e o Humanitismo — como qualificações especiosas da matéria brasileira e do mundo contemporâneo, a primeira justificando ironicamente ostentação e competitividade de sujeitos em situação, a segunda reunindo “vencidos e vencedores” nos termos de uma “justificativa ilustrada à indiferença dos ricos pelo destino de seus dependentes”.²¹

A destacar, em “Nacional por subtração” (1986), o resultado contemporâneo da relação problemática entre ideias e realidade, agravada pela “internacionalização do capital, a mercantilização das relações sociais e a presença da mídia”, a saber, a reprodução de ilusões histórico-culturais sem constituir “um campo de problemas reais.” O que vale tanto para os “nacionalismos de esquerda e direita” em “busca de um fundo nacional genuíno”, quanto para o lado dito avançado dos “modernistas da mídia” — uma “posição crítica e moderna, conformista no fundo” — que encontra respaldo nas novidades teóricas trazidas, desde os anos de 1960, pela voga internacional dos estruturalismos e pós-estruturalismos (as exceções ficam por conta de “Machado de Assis, Mario de Andrade e, hoje, Antonio Candido”). O romance *Quarup*, de Antonio Callado, volta como referência nesse ensaio, destacando agora o grupo de personagens que, em busca do território nacional autêntico, encontrará apenas um formigueiro.²²

²¹ De Quincas Borba a Brás Cubas” (“dois figurões”), as ideias do Humanitismo “davam justificativa ilustrada à indiferença dos ricos pelo destino de seus dependentes, indiferença que à luz de orientações mais tradicionais pareceria indecorosa e explicavam por fim o caráter necessário e legítimo da exploração colonial e de suas sequelas presentes.” Cf. “O papel das ideias,” in *Um mestre na periferia do capitalismo*. Ob. cit. pp.151-169.

²² Cf. “Nacional por subtração”, in *Que horas são?*. Ob. cit., pp. 29-48.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo, Editora Unesp, 1992.

_____. *Recortes*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2004, 3 edição.

_____. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2010, 4 edição.

SCHWARZ, Roberto. *A Sereia e o Desconfiado*. São Paulo, Paz e Terra, 1981, 2ª edição.

_____. *O pai de família*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

_____. *Que horas são?* São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

_____. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo. Duas Cidades/Editora 34, 2000, 5ª edição

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2000, 4ª edição.

_____. *Martinha versus Lucrécia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

_____. *Seja como for*. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2019.

Salete de Almeida Cara é professora livre-docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP. É autora de *Marx, Zola e a prosa realista* (2009) e, dentre outros ensaios, "Formação e negatividade" (2014), "Bom Crioulo: naturalismo e antinaturalismo no Brasil" (2014), "Atualidade do realismo histórico" (2021), "Degradação da experiência" (2018), "Impressões de viagem, tiranias consentidas e crocodilo na prosa de Dostoiévski" (2022), "Um encontro: saber e intuição em dois tempos" (2023).